

# Gênero, descolonização e raça em *olhos d'água*, de Conceição Evaristo

Gender, decolonization and race in *Olhos d'Água*, by Conceição Evaristo

Submetido em: 23/07/2024

Aceito em: 08/11/2024

Francisco Henrique Oliveira Moura<sup>1</sup>

Karina Mandetta Medeiros<sup>2</sup>

Fábia dos Santos Marucci<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo estabelece relação entre os quinze contos que integram a obra *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo, em especial, explora “Olhos d'Água”, “De que cor eram os olhos de minha mãe”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Beijo na face”, “Luamanda”, “O cooper de Cida”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, em virtude de darem uma amostra do modo como a escritora desconstrói sentidos cristalizados sobre a mulher negra em nossa sociedade. Para isso, analisamos nos contos as representações das mulheres negras e sua condição de subalternidade na sociedade. Verifica-se que Evaristo se empenha na descolonização<sup>4</sup> da mulher negra, proporcionando um espaço discursivo de libertação do legado colonialista. Assim, tendo em vista que a autora, por meio de suas personagens, aborda a condição feminina negra na sociedade e a violência enfrentada por essa classe de mulheres e traz em suas histórias questões de gênero, descolonização e raça, tomamos as teorias que discutem conceitos como lugar de fala, subalternidade, feminismo negro, literatura feita por mulheres e interseccionalidade entre gênero, etnia e classe social como suporte para a análise. Desse arcabouço teórico, destacam-se as contribuições de Djamila Ribeiro (2017 e 2019) e Gayatri C. Spivak (2010), dentre outras que podem nortear a compreensão das questões abordadas por Evaristo.

**Palavras-chave:** Contos; Conceição Evaristo; mulher negra.

**Abstract:** This article establishes a relation between the fifteen short stories that make up the work *Olhos d'Água* (2014), by Conceição Evaristo, and in particular explores “Olhos d'Água”, “De que cor eram os olhos de minha mãe”, “Quantos filhos did Natalina teve?”, “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Beijo na face”, “Luamanda”, “O cooper de Cida”, “Maria” and “Zaíta esqueci de guarda os brinquedos”, as they provide a sample of how the writer deconstructs crystallized meanings about black women in our society. To do so, we analyze the representations of black women and their condition of subordination in society in the short stories. It is clear that Evaristo strives to decolonize black women, providing a discursive space for liberation from the colonialist legacy. Thus, considering that the author, through her characters, addresses the condition of black women in society and the violence faced by this class of women and brings up issues of gender, decolonization, and race in her stories, we took theories that discuss concepts such as place of speech, subalternity, black feminism, literature written by women, and intersectionality between gender, ethnicity, and social class as support for the analysis. From this theoretical framework, the contributions of Djamila Ribeiro (2017 and 2019) and Gayatri C. Spivak (2010) stand out, among others that can guide the understanding of the issues addressed by Evaristo.

**Keywords:** Short stories; Conceição Evaristo; black woman.

<sup>1</sup> Especialista em Literatura Brasileira, pelo Instituto Prominas Serviços Educacionais. Email: henrikmoura01@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8983450398261901>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6022-9534>

<sup>2</sup> Mestranda em Letras e Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPLIN/UERJ. E-mail: karinamandetta@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1466893797427230>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6398-3116>.

<sup>3</sup> Doutora pela Universidade Federal Fluminense. Docente no Centro Universitário Augusto Motta, UNISUAM. E-mail: fmarucci82@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3670341738134495>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8817-052X>

## Introdução

Neste artigo, a escritora Conceição Evaristo é explorada como referência de uma Literatura de estilo singular, que funda um outro modo de elaboração de personagens negras. Procuramos investigar a construção dessas protagonistas relacionando-as às teorias que dão suporte a uma literatura decolonial. Inicialmente, delinearemos o percurso metodológico que seguimos, antes de nos aprofundarmos na vida e na trajetória literária de Evaristo. Nosso objetivo é proporcionar uma visão abrangente não apenas da autora, mas também de sua luta e resistência, tanto dentro quanto fora das letras. Em seguida, nos concentraremos em uma observação mais detalhada de seu estilo literário, com destaque para o conceito de “Escrevivência”, termo por ela cunhado para expressar sua subjetividade e reivindicar o espaço de fala que constrói nas narrativas.

Desse modo, prosseguiremos abordando os temas recorrentes em suas obras e relacionando as perspectivas teóricas capazes de ajudar na compreensão de suas personagens. Por fim, faremos uma análise do *corpus* escolhido: *Olhos d'Água*. Nessa obra, Evaristo dá voz a expressões de lugares frequentemente marginalizados pela cultura, literatura e história do país. Ao mesmo tempo, reforçaremos a importância de repensar, reescrever e dar visibilidade a outras vivências e a vozes femininas negras.

Na coletânea de contos de Evaristo, as narrativas orbitam em torno de mulheres negras brasileiras que frequentemente são privadas de sua voz e de sua própria história. A narrativa colonial tentou por séculos apagar o poder e a existência relevante do componente feminino negro na cultura brasileira. É nesse cenário histórico de desprestígio da mulher negra que Evaristo dá visibilidade à força do feminino negro, que, a cada história criada, revela-se como sinônimo de luta, resistência e denúncia das marcas de um poder opressivo que mina a existência individual e coletiva das mulheres das periferias urbanas.

No Brasil, a literatura produzida por autoras negras ainda não ocupa os principais espaços de divulgação e discussão literária, resultado de, como dissemos, um silenciamento histórico dessas escritoras. Autores afrodescendentes, ao confrontarem sua própria condição e a de seus personagens, revelam a escassez tanto de visibilidade quanto de divulgação de suas obras, um fenômeno que Côrtes (2018) denomina como a “poética do silêncio”. Essa poética surge como consequência de um processo que

culmina no projeto que consiste em apagar a história do negro e do pobre nas sociedades. A autora também ressalta que:

o silêncio transgressor traz consigo diversidade e identidade, expondo seus conflitos no espaço da escrita. Ele se manifesta como uma forma de denúncia, utilizando a experiência como sua ferramenta, pois é por meio dela que se pode ler o que foi negligenciado (Côrtes, 2018, p. 53).

Ao incorporarmos os conceitos de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), juntamente com outros teóricos que tratam de temas como “subalternidade”, “lugar de fala” e “pertencimento”, pretendemos desenvolver uma reflexão sobre as personagens negras e mulheres presentes nos contos de *Olhos d'Água* (2014).

### **Percurso metodológico**

Para a elaboração deste artigo, foram conduzidos diversos processos de análise e construção de dados. Inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica abrangente do legado literário de Conceição Evaristo, com o intuito de identificar os elementos-chave presentes em sua obra e determinar qual das suas publicações seria mais pertinente para o escopo deste estudo. Após uma análise cuidadosa, a obra escolhida foi *Olhos d'Água* (2014), devido à sua abordagem relacionada à observação do papel da mulher negra nos textos de Evaristo, cujas temáticas parecem ser de interesse comum para a autora e para os propósitos desta pesquisa.

Em consonância com uma abordagem feminista, mais especificamente do feminismo negro, optou-se por enfatizar as questões relacionadas à ligação entre gênero, raça e classe social. Esse enfoque permitiu uma análise mais abrangente e sensível das complexidades das experiências das mulheres negras na sociedade brasileira.

Além disso, buscou-se embasar o trabalho com as contribuições teóricas de estudiosos que se debruçam sobre as temáticas da negritude e da subalternização, dentre os quais, destacamos a filósofa Gayatri Chakravorty Spivak, autora do ensaio “Pode o subalterno falar?” (2010). Suas reflexões sobre a representação e a voz dos subalternos fornecerão um arcabouço teórico sólido para a análise das narrativas de Evaristo e a compreensão mais profunda das dinâmicas de poder que permeiam as experiências das mulheres negras, em geral, personagens centrais nas histórias da escritora brasileira.

Junto com as autoras e autores que serão mencionadas à frente, esta pesquisa foi conduzida com uso de bibliografia centrada principalmente na revisão de livros, artigos científicos, teses, dissertações e publicações de conteúdo *on-line*, o que nos possibilitou uma melhor compreensão a respeito da obra “Olhos d’Água” (2014).

Dessa forma, este artigo busca não apenas explorar a obra de Conceição Evaristo, mas também situá-la dentro de um contexto teórico e crítico mais amplo, que amplie nossa compreensão das questões de gênero, raça, localização geográfica e classe social no Brasil contemporâneo.

### **A presença de mulheres negras na literatura brasileira**

A literatura de autoria negra experimentou uma expansão notável a partir da década de 1970. Na busca por uma representação autêntica e na subversão de imagens negativas e estereotipadas, homens e mulheres uniram forças em movimentos de consciência negra, construindo novas perspectivas culturais e dando voz aos seus desejos, lutas, temores, dores, anseios e memórias. O engajamento político não apenas coexistiu, mas também se entrelaçou com uma consciência estética que propunha abordagens inovadoras, estilos e expressões.

Enfrentando a opressão e o controle social, as mulheres negras tiveram que reconstruir seus laços, afetos e visões de mundo. A identidade da mulher negra foi moldada em oposição e negação das lacunas deixadas pela sociedade, com imagens enraizadas no imaginário social e caracterizadas por uma visão misógina, sensualizada e servil. Como destacou bell hooks<sup>5</sup>, tanto o racismo quanto a visão sexualizada e simplificada do corpo feminino negro perpetuam uma iconografia que insere na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros (hooks, 1995).

Nesse sentido, compreender a literatura negra é discutir um sistema social opressivo e desigual, além de expressar uma crítica contundente contra essas opressões e imagens estereotipadas que fundamentaram uma sociedade que ainda percebe os corpos negros através de uma visão servil de seus desejos. Contra essas representações, escritoras e intelectuais negras insurgiram-se, trilhando caminhos desafiadores.

---

<sup>5</sup> O nome em minúsculo da escritora tem por objetivo respeitar seu posicionamento político de negar o individual representado pela citação do nome como praxe do academicismo. Sua ideia é que o leitor atente exclusivamente para suas palavras.

Na década de 1970, testemunhamos o resgate do trabalho de Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista do Brasil. O romance *Úrsula* (2018) destaca-se como um marco histórico e literário, apresentando uma obra inovadora na construção narrativa, como apontado na introdução, escrita por Maria Helena Pereira Toledo Machado : o fato de a autora elevar escravizados a personagens que refletem sobre si mesmos, oferecendo uma narrativa de suas vidas opressivas, sempre atraiu a atenção (Reis, 2018).

Apesar do pioneirismo, a obra de Maria Firmina dos Reis levou mais de um século para ser devidamente reconhecida. Conforme observado por Fernanda Miranda, a produção da autora maranhense ficou por muito tempo silenciada, apagada, esquecida, sendo revisitada apenas recentemente (Miranda, 2019). Miranda destaca ainda a relevância do fato de *Úrsula* ser um romance escrito por uma mulher negra no século XIX. A ausência dessa obra no cânone literário reflete uma sociedade marcada por desigualdades em diversos aspectos. Valorizar esse romance torna-se um campo de batalha, uma reivindicação por uma história alternativa, uma resposta às tentativas de silenciamento.

Seja como escritora ou como personagem, o papel da mulher negra na literatura brasileira é permeado por processos históricos de submissão, silenciamento e subalternização, sendo caracterizado pela contínua luta para dar voz à sua condição, desmantelar imagens estereotipadas e trilhar caminhos desafiadores.

A mulher negra não é retratada como heroína, musa ou figura romântica na literatura brasileira. Como destacou Evaristo (2009), percebe-se que, ao longo dos tempos, na literatura brasileira, não se criam histórias em que a mulher negra possa ser humanizada, sendo mãe, musa ou heroína romântica. Notamos, em textos pretéritos, um raro aparecimento da mulher negra na literatura, sendo apresentada como um corpo associado ao prazer ou à capacidade de gerar vidas, vinculado ao trabalho e ao prazer, como demonstra Linhares:

Em relação ao corpo da mulher negra apareceram: “mulher fogosa”; “boa de cama”; “mulata” e “ama de leite”; “empregada doméstica”; “trabalho braçal”. Tudo isso me causou um desconforto, pois, os imaginários de corpo transitavam entre noções superficiais e inferiorizantes em relação ao corpo da mulher negra. [...] Compreender que este corpo foi construído transitando entre o prazer e o trabalho, é o passo inicial para desconstruir os preconceitos em relação ao corpo. Olhar o corpo como natural é libertá-lo das amarras históricas que se cristalizaram e ainda se cristalizam nos imaginários das pessoas.

Assim, o corpo livre é um corpo que pode viver sem melindres.  
(Linhares. 2015, p. 01)

O conceito social dos corpos femininos negros é, assim, profundamente rebaixado e envolto em misoginia, marcado pela associação com o prazer e o trabalho. Bertoleza e Rita Baiana, ambas personagens de “O cortiço” (2018), de Aluísio Azevedo, são exemplo dessa tendência no Naturalismo brasileiro. Bertoleza vive “amasiada” com João Romão, também seu patrão, dono na quitanda da qual toma conta. É uma mulher negra, que trabalha como escrava para um português explorador; já Rita Baiana, mulata, é dotada de uma sensualidade e beleza incomuns, que chamam a atenção dos homens. Ela luta por seu sustento, sendo também marcada por alta dignidade e personalidade forte as quais a ajudam a apreciar a vida: mesmo na dureza da rotina, Rita aprecia e incentiva as festas no cortiço. Em seu espaço na narrativa de Azevedo, as duas personagens citadas encapsulam de forma ficcional as imagens redutoras e deterministas do corpo feminino negro. Estão, assim, longe de significar valorização da mulher negra em nossa sociedade.

Para isso, partimos para concretizar uma hipótese de que encontraríamos elementos diferentes através da compreensão da mulher negra na literatura brasileira, verificada na literatura escrita por mulheres negras. Nesse sentido, precisaríamos compreender também as condições das autoras e suas subjetividades, em meio a um contexto histórico e social adverso. Além disso, o modo como se desenvolvem as representações ficcionais, que trazem, conforme ressaltado por Sousa (2015) em “A mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira: a escrita de si e a reinvenção do sujeito negro feminino”, uma reescritura da história:

Discutir sobre a mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira é percorrer duas vertentes: a primeira, a das próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao tempo que assim o fazem se reescrevem na história; e, a segunda, a da representação dessas mulheres na literatura. De todo modo, é entender quem são, o que produzem e como se comportam mediante as relações de gênero e etnicidade que lhes são impostas no contexto dessas produções. Diante de tal abordagem, as relações e discussões de gênero (mulher negra) vêm acompanhadas das questões da raça e da etnicidade, a literatura produzida por elas também passará pelo mesmo campo de discussão. (Sousa, 2015, p. 77).

Refletir sobre a literatura negra no Brasil implica também contemplar a escravidão e suas ramificações, tanto sociais e históricas quanto individuais. É ponderar sobre o sofrimento e a violência, a alarmante invisibilidade e o racismo intrínseco a uma

sociedade desigual que reluta em enfrentar suas questões fundamentais. Como ressaltado por Pereira (2017), basta observar a trajetória de aparecimentos do negro no campo das artes e da mídia para notar a condição de subalternidade e verificar lugares da diferença que reiteram posições de inferioridade:

Podemos então pensar na forma mais comum em que o negro aparece na literatura: como escravo, na condição de subalterno, estereotipado de forma pejorativa e caricata, principalmente nos romances urbanos. No teatro, a presença do negro também não tinha destaque, não lhe cabendo nenhum papel de relevância. Ainda nos dias atuais não é difícil encontrarmos situações desse tipo. Tanto na televisão quanto no teatro a presença do negro é muito controversa, sendo objeto de muitos debates a partir de um olhar atento sobre sua aparição na mídia. (Pereira, 2017, p. 02).

Assim como no teatro, o negro encontrou-se marginalizado na literatura e no cinema, sendo designado a papéis periféricos nas várias esferas da formação cultural brasileira, ao mesmo tempo em que se perpetuou o mito de uma suposta democracia racial. Essa ideia romântica de mistura de raças, trouxe uma névoa durante anos para a crítica sobre o que estava ocorrendo com o negro brasileiro.

No campo da lei, porém, o negro seria colocado em uma posição de igualdade, em virtude da luta do Movimento Negro e de intelectuais como Lélia Gonzalez, que denunciaram a desigualdade de oportunidades de ascensão e a condição de abandono, subalternização e apagamento decorrente da falta de políticas públicas.

### **Vida e Legado de Conceição Evaristo**

Nascida em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Maria da Conceição Evaristo de Brito teve uma infância e adolescência marcadas pela pobreza na favela do Pindura Saia, na região Centro-Sul de Minas. Filha de uma família modesta e numerosa, Evaristo é a segunda de nove irmãos. Desde cedo, ela equilibrou seus estudos com o trabalho, já vislumbrando uma carreira como professora. Em 1973, Conceição mudou-se para o Rio de Janeiro e iniciou sua graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Durante esse período, uniu-se a Oswaldo Santos de Brito e se tornou mãe de Ainá. Hoje, Evaristo é viúva.

Paralelamente à formação da família, Evaristo continuou sua trajetória acadêmica, concluindo o mestrado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em 1996, com a dissertação intitulada “Literatura Negra: uma poética de nossa afrobrasilidade”. Posteriormente, cursou o doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), concluindo-o em 2011, com a tese “Poemas Malungos, Cânticos Irmãos”.

Em 2003, lançou seu romance de estreia, *Ponciá Vicêncio*, que narra a jornada de uma descendente de escravos. O livro foi traduzido para o inglês pela Editora Host Publication, contribuindo para a visibilidade internacional da autora. Em 2006, publicou outro romance, *Becos da Memória*, que retrata as vidas de diversas personagens enfrentando a pobreza, o preconceito e a fome em seu cotidiano.

Em relação à sua escrita, os textos de Evaristo refletem a experiência da opressão e da marginalidade, especialmente das comunidades negras, e valorizam a memória ancestral africana. Suas narrativas trazem à tona a voz das mulheres negras, muitas vezes silenciadas, revelando suas memórias, questionamentos e experiências. Além disso, sua escrita é marcada por um estilo único, que combina realismo cru com uma ternura peculiar, descrita por Eduardo Macedo (2013, p.271-275) como “brutalismo poético”.

Em sua obra *Olhos d'Água* (2014), a autora oferece um exemplo eloquente de sua produção textual, na qual os diferentes temas poderiam ser encontrados em jornais ou revistas, mas são abordados com um olhar singular e uma profunda compreensão das histórias apresentadas.

### **A “Escrevivência” de Conceição Evaristo e seu estilo literário em *Olhos d'Água***

Conceição proporciona ao leitor uma experiência sensorial, ao retratar a realidade em suas obras. Sua escrita, denominada por ela como “escrevivência”, mescla o ato de escrever, viver e se ver, transmitindo não apenas entretenimento, mas também denúncia. Sua literatura não busca apenas agradar os poderosos, mas sim incomodá-los em seus privilégios injustos. Segundo Evaristo:

Meu texto literário não é inocente, a crítica e os ensaios são menos inocentes ainda. Creio que se há uma produção, pelo menos a meu ver, que fica muito difícil você traçar entre a cidadã/cidadão e a escritora/escritor é a de nossa autoria. Particularmente, não faço questão de separar: aqui está a escritora Conceição Evaristo e aqui está a cidadã Conceição Evaristo. Não separo. Quando me debruço para construir uma ficção, uma narrativa ou um poema, um texto ensaístico, não me desvencilho da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá (Evaristo, 2020 p.41).

A “escrevivência” de Evaristo resgata o passado para refletir sobre o presente e imaginar um futuro mais justo e igualitário. Sua escrita é enraizada na experiência vivida como mulher negra, pobre e favelada, e tem o propósito de transmitir a ideia de resistência diante dos anos de silenciamento imposto à comunidade negra brasileira. Como afirma Evaristo:

Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas. Creio que a autoria de mulheres negras, pois não sou a única que estou escrevendo, tende a dar outros sentidos à Literatura Brasileira. Mas não sei se a minha literatura inaugura um projeto literário nacional, agradeço a quem responder por mim e para mim. (Evaristo, 2020 p. 37).

Assim como os griots<sup>6</sup> na cultura africana, sua escrita preserva a tradição oral, transmitindo sabedoria, conhecimento e tradições. Evaristo exalta as características orais de sua literatura, que se baseia em suas vivências e na realidade das pessoas ao seu redor. Segundo Evaristo:

a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés<sup>4</sup> das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. (Evaristo, 2020 p. 38).

Sua obra também busca descolonizar a literatura brasileira, resgatando a memória de nossa afrodescendência e dando voz aos oprimidos. Evaristo é uma referência importante no movimento por justiça e igualdade, desafiando o discurso hegemônico e construindo outros discursos e sentidos para a mulher negra no Brasil.

### **Subalternidade Relacionada às Questões de Raça e Gênero**

---

<sup>6</sup> O Griot, na cultura africana se trata de um contador de histórias, uma função que funciona como uma espécie de memória oral da comunidade. Trata-se de um guardião de tradições milenares, o qual desempenha uma profissão/função transmitida geracionalmente.

<sup>4</sup> Leque de forma circular que simboliza Oxum quando de latão e tendo uma estrela no centro, batida ou vazada ou Iemanjá quando de metal prateado ou pintado de branco e tendo no centro o recorte de uma figura de sereia ou, ainda, a representação de um peixe.

O debate sobre a subalternidade é intrínseco à estrutura opressora do pensamento eurocêntrico e seu efeito colonizador, cujas ramificações da escravidão dos africanos e dos povos originários podem ser identificadas até os dias atuais. O papel decisivo dos negros escravizados na construção econômica do Brasil é frequentemente ignorado, mas, como observa Nascimento (2016), sem sua contribuição, a estrutura econômica do país jamais teria surgido.

Desse modo, a abordagem da subalternidade é uma crítica fundamental da intelectual indiana pós-colonial Gayatri Chakravorty Spivak<sup>7</sup>. O conceito de subalterno, conforme proposto por Spivak (2010) em sua obra, refere-se a indivíduos excluídos e limitados em sua capacidade de expressão no contexto colonial. Esse impedimento não se deve apenas à falta de recursos físicos, mas também à mediação de suas vozes por outros. A tarefa do intelectual pós-colonial, portanto, não é falar em nome dos subalternos, mas criar espaços nos quais possam falar e ser ouvidos. Spivak (2010) destaca que, no âmbito da subalternidade, as mulheres ocupam uma posição ainda mais marginalizada. Observa ainda que falar em nome das mulheres subalternizadas só perpetua sua subalternidade e as mantém silenciadas. Portanto, a solução proposta pela autora é a criação de espaços nos quais essas mulheres possam expressar suas próprias vozes e serem legitimamente ouvidas.

Nesse sentido, uma outra noção pode contribuir para esta reflexão, a de interseccionalidade, abordagem proposta por Crenshaw (2002) e Piscitelli (2008), que busca compreender a complexidade das desigualdades sociais, especialmente quando se trata da situação da mulher, recolocando questões econômicas para se pensar desigualdades sociais de raça, classe, gênero, sexualidade, idade, capacidade e etnia (Collins e Bilge, 2020). A noção de justiça social, trazida pelas reflexões ligadas à interseccionalidade nos ajuda a reconhecer que as mulheres subalternizadas, principalmente as negras e pobres, enfrentam múltiplas formas de opressão, o que reforça a necessidade de se criarem espaços inclusivos que permitam a expressão autêntica de suas experiências e perspectivas.

### **Analisando contos de *Olhos d'Água***

---

<sup>7</sup> Spivak, nascida em Calcutá, Índia, é uma figura proeminente não apenas em questões pós-coloniais, mas também em estudos de gênero e crítica cultural. Sua obra desafia as noções convencionais de acesso à voz e à representação dos sujeitos subalternos.

Publicado pela Editora Pallas em 2014, *Olhos d'Água* tem prefácio de Heloisa Toller Gomes e introdução de Jurema Werneck. Esta última enfatiza que Conceição Evaristo “conta histórias que insistem em dizer o que tantos não querem dizer” (Evaristo, 2014, p. 9). O livro compila quinze contos distribuídos ao longo de cento e dezesseis páginas, explorando diversas histórias centradas em mulheres negras que enfrentam as dificuldades e desafios de uma sociedade permeada por profundas desigualdades sociais, raciais e de gênero. Os contos são breves, porém profundos em significados e poeticidade. Com sua habilidade linguística e estilística precisa, Evaristo se destaca como uma das principais escritoras negras com representatividade no mercado editorial brasileiro, tendo sido premiada com o Jabuti na categoria Contos e Crônicas em 2015 por este livro, o que reforça a importância de sua obra para a literatura nacional. Por sua vez, *Olhos d'Água* se firma como uma obra de relevância cultural, artística e política, ao retratar as vivências da população negra no Brasil, sob a perspectiva de uma autora negra que representa a força, resiliência e resistência de seu povo. Sua narrativa objetiva, muitas vezes utilizando a fala coloquial, aproxima o leitor da realidade das personagens.

Essa atividade se revela no conto de mesmo nome, “Olhos d'Água”, narrado em primeira pessoa, enquanto os demais adotam uma narrativa em terceira pessoa. As personagens são introduzidas no presente, e a narrativa recorre a “flashbacks” para revelar o passado, ao mesmo tempo em que sugere possíveis desdobramentos futuros.

Também a prática da “escrevivência”, em “Olhos d'Água”, reforça a necessidade da escritora de educar sobre a humanidade das pessoas negras, o que indica que a literatura representada por Evaristo desafia a tradição literária dominante, oferecendo uma visão mais complexa e autêntica das experiências literárias. Essa escrita nos permite explorar o conceito de lugar de fala, fundamental no feminismo negro, ao revelar a plenitude da experiência negra em suas narrativas. Os contos de *Olhos d'Água* apresentam personagens femininas que enfrentam as consequências da exclusão social, refletindo sobre as diferentes formas de opressão que atravessam suas vidas. A obra revela a realidade das mulheres negras nas periferias urbanas, destacando tanto sua vulnerabilidade quanto sua resistência.

Ao longo dos contos, Evaristo aborda temas como maternidade, violência sexual, amor, trabalho e discriminação racial, oferecendo um retrato multifacetado das experiências das mulheres afro-brasileiras. Sua escrita sensível e poderosa nos convida

a refletir sobre as complexidades e desafios enfrentados por essas mulheres em sua luta por dignidade e justiça.

Em suma, *Olhos d'Água* é uma obra que nos convida a mergulhar nas profundezas das experiências das mulheres negras no Brasil, oferecendo uma perspectiva pessoal e de dentro da pele, que traduz a vida e a luta de mulheres periféricas por reconhecimento e igualdade em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela injustiça.

### ***Olhos d'Água* e o lugar de fala**

“De que cor eram os olhos de minha mãe?” (Evaristo, 2016, p.15). Assim começa o conto que tem o mesmo título do livro. A narrativa aborda a condição da mulher negra através de fenômenos sociais e do autoquestionamento existencial. A voz narradora o véu da invisibilidade ao estabelecer uma reciprocidade entre sua mãe, negra e pobre, e o passado afrodiaspórico, como evidenciado na constatação de que a mãe tem olhos d'água: “Sim, águas de Mamãe Oxum” (Evaristo, 2016, p. 19).

A mãe trabalhava como lavadeira, sacrificando-se para cuidar dos filhos, algo sugerido pela metáfora dos olhos, que remete tanto à atividade braçal quanto a uma existência marcada por várias formas de sofrimento. A narradora relata sua conexão com a maternidade e com a família e seus antepassados, ao revisitar as histórias de sua infância e de sua mãe, admitindo que as lembranças se confundem, mostrando-nos a perpetuação da exclusão de geração em geração. Já adulta, busca saber a cor dos olhos de sua mãe, indicando uma tomada de consciência sobre sua própria condição subalterna, um traço importante para a reconfiguração de sua realidade. Assim, o vínculo com a mãe proporciona a fixação de sua autoidentidade. No conto de Evaristo:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando minha mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis, em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. [...]. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo, 2016, p. 16-17).

Essa indagação é de grande importância para todo o livro, pois se interrelaciona ao enredo dos outros contos que se seguirão, construindo uma narrativa coesa. Esse conto inicial é marcado pela estratégia do monólogo interior. Inicia-se com a narradora retratando os dilemas internos da mulher negra para, posteriormente, avançar para os dilemas externos, focando nas tragédias pessoais das personagens e os impasses sociais que enfrentam. Nesse contexto, contos como “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Maria” e “Quantos filhos Natalina teve?” assumem dimensões sociais, funcionando como depoimentos das contingências vividas, sem abdicar do questionamento do ser individual, constantemente subjetivado.

O conto “Beijo na Face” aborda a ideia do encontro consigo mesma, da autodescoberta e da libertação, temas que também aparecem nos contos “Luamanda” e “O Cooper de Cida”. A partir do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, percebe-se claramente a superação da dicotomia social-existencial. Trata-se de uma história entre duas irmãs, contada por uma narradora em terceira pessoa que revela, aos poucos, a condição das gêmeas, Naíta e Zaíta, o local onde habitam, a família, a mãe, as condições e razões das personagens. No contexto em que “[a] morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos” (Evaristo, 2016, p. 99), Evaristo desconstrói a ideia anônima da “bala perdida” e traz toda a vida e a riqueza de sentidos de uma criança que tem a vida ceifada por estar simplesmente procurando a irmã com sua figurinha-flor.

Existe, no entanto, no conjunto dos contos de Evaristo, uma constante pergunta do eu em busca de compreensão sobre a problemática social, existencial e de gênero. Portanto, o questionamento de si, na perspectiva dos contos da obra, encarna também questionamentos histórico-sociais, demonstrando que a consciência individual está atravessada por dilemas da coletividade. Isso se manifesta até mesmo na fala da narradora de “Olhos d’Água”, cuja existência, conforme ela infere, está marcada pela condição social coletiva, especialmente pela condição de sua mãe lavadeira, com quem suas memórias e vivências coexistem e se confundem.

As mulheres negras e pobres enfrentam dilemas cuja origem remonta à diáspora africana. Esses dilemas se intensificam na condição dos africanos escravizados no Brasil e persistem nas contingências enfrentadas por aqueles que vivem o racismo diariamente, permanecendo à margem da sociedade. Assim, cada conto traz uma imagem que nos conduz a outras, que se desdobram em diversos estágios, constituindo uma poderosa crítica à suposta democracia racial no Brasil. Nos contos da autora, essa

denúncia se manifesta através de enredos que expõem a cruel realidade dos sujeitos subalternizados, sendo estes seus protagonistas: crianças negras, mulheres negras, domésticas, lavadeiras, enfim este é o espaço de diálogo que Conceição funda, discutindo, por meio de suas histórias, os pré-construídos em torno do negro e da negra no Brasil, em uma literatura descolonizadora das mentes.

Sobre esse espaço, Djamila Ribeiro (2019) enfatiza que pensar o lugar de fala é uma postura ética, pois saber de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, racismo e sexismo. Dessa forma, no conto “Olhos d’Água”, o lugar de fala da filha, que não recorda a cor dos olhos da mãe, é marcado pela busca por suas raízes, pelo alívio da culpa em relação ao afastamento de sua mãe no tempo e no espaço, e pela construção de uma identidade própria. Não se trata apenas de encontrar uma voz audível na sociedade, mas também de ter consciência do espaço que ocupa na formulação do discurso:

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz (Evaristo, 2016, p. 18).

A representatividade da transmissão de memória marca a ressignificação da identidade da personagem, através do lugar de fala que passa a ocupar. Ao revisitar o passado, a narradora descobre apenas lágrimas na cor dos olhos de sua mãe. Essa tomada de consciência, como no poema “Vozes Mulheres”, gera a revolta que resulta em ação, em mudança.

Ao discutir o lugar de fala da mulher, Spivak (2010), persistentemente, indaga se existe permissão de fala ao subalterno. Essa reflexão expõe a condição das mulheres sem o poder de fala, marcadas pelo protótipo ideal de mulher estabelecido pela sociedade, uma ideia desafiada pela representação da mulher negra na obra de Evaristo. Suas personagens se autoquestionam e, ao mesmo tempo, questionam e problematizam as condições históricas que deram origem às exclusões sociais.

Ribeiro (2019) também se posiciona com a intenção de fomentar um tipo de diálogo que permita uma reflexão ativa em prol da emancipação da mulher negra. É uma questão de reafirmar a condição do sujeito subalternizado, validando o espaço marginal que ela ocupa, de modo que essa condição adquira poder suficiente para transcender sua própria marginalização. Dentro desse contexto, ela enfatiza:

Entender a cosmogonia africana e outras geografias da razão foi um instrumento de empoderamento para mim...[...] me fez enxergar a importância de tirar proveito do lugar de marginalidade que nos foi imposto. Isso é fundamental para entender que o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes (Ribeiro, 2018, p. 23).

O apagamento e o silenciamento são formas de anulação, são formas de morte simbólicas que tendem a culminar na anulação física dos subalternos, tornando-os mais vulneráveis e invisíveis. É por isso que no conto “A gente combinamos de não morrer” é estabelecido um pacto entre as personagens, não para morrer, mas sim para viver. No entanto, esse pacto é frustrado, pois as personagens continuam com uma fome de vida digna e justa. Assim, Evaristo deixa nua a injustiça social contra grupos periféricos e negros no país, explorando a escuta através da leitura de quem nunca pôde falar. Nessa mesma narrativa, o leitor conhece Bica, que narra sua própria história e declara seu desejo de escrever.

Narrar é uma forma de afirmar a própria vida. Sobre essa questão, Grada Kilomba (2019, p. 28) observa: “Enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que projeto colonial predetermined.” Um fenômeno semelhante ocorre com a personagem Bica, que se aventura na escrita em um processo de autoconhecimento, pois somente ela pode nomear o tipo de fome que sente:

Mas escrever funciona para mim como uma febre incontrolável, que arde, arde, arde...[...]. Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida (Evaristo, 2016, p. 108).

Através da palavra, da memória, do discurso e da ação, a autora denuncia a objetificação da mulher negra em nossa sociedade. Dessa forma, por meio do discurso poético, figuras historicamente subalternizadas assumem um lugar de fala, e essa voz adquire uma corporeidade situada geograficamente, resistindo à sua objetificação.

## **Reflexões sobre Representação, Poder e Identidade: A Estereotipagem como Ferramenta Política de Subjugação**

A noção de representação no período pós-estruturalista encontra sua base nos estudos culturais, os quais são fundamentados tanto pelos trabalhos de História Cultural de Bourdieu (2007) e Chartier (2002 e 2007), quanto pelos estudos sociais e antropológicos, como os de Hall (2016). A abordagem da História Cultural permite compreender a relação intrínseca entre representação e enunciação/discurso. Por um lado, busca-se resgatar o discurso presente na literatura, que carrega consigo as marcas do passado histórico, contribuindo para a produção de sentido. Por outro lado, os estudos de Hall (2016) são cruciais na construção argumentativa, uma vez que, segundo o autor, “a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura”. (Hall, 2016, p.31).

Através da linguagem literária, podemos analisar, por exemplo, o conto "Maria", também de Evaristo, e identificar os discursos marcados pelo preconceito como instrumento político-cultural de submissão e poder. A representação da mulher negra, personagem-título do conto, carrega consigo as marcas da dor, da marginalidade e da condição subalterna. Como observado por Davis (2016), na construção da identidade da mulher negra nos EUA também podemos refletir sobre a condição da mulher negra no Brasil, especialmente em relação aos lugares sociais historicamente ocupados por essas mulheres. Assim como nos EUA, no Brasil, a mulher negra foi moldada por estereótipos que remontam ao passado e ainda influenciam o presente através da resistência à opressão.

Desse modo, a literatura desempenha um papel fundamental ao dar voz aos indivíduos silenciados pela violência e marginalização imposta pelo grupo hegemônico detentor do poder na sociedade. Por meio dela, é possível explorar e contestar as narrativas dominantes, contribuindo para uma compreensão mais ampla das complexidades culturais e sociais que moldam as representações e identidades.

Nesse raciocínio, a relação entre a patroa e a empregada revela uma sociedade dividida em termos de direitos iguais e de desigualdade econômica. Ao observarmos a personagem Maria do outro lado da margem social, ciente de seus direitos, conquistas econômicas, sociais e sentimentais, é possível notar que a estereotipagem imposta ao sujeito negro reforça essa exclusão social. Há um fantasma que só se torna necessário quando o grupo dominante abastece a necessidade de servir ao grupo dominante. A

cor da pele, considerada “exclusive” (Vercher, 2021, p.85), em relação ao grupo dominante, estabelece uma estratégia de diferenciação, que separa o normal e aceitável do anormal e do inaceitável. “Exclui-se ou exclui-se o que não se adequa à sua perspectiva, o que é diverso” (Vercher, 2021, p.101).

A questão que torna essa prática perversa por parte da sociedade racista é que a personagem Maria, assim como muitas outras mulheres negras da favela, é uma mãe que se empenha em criar e proteger os filhos, uma mulher que ama e foi abandonada por diversos motivos, os quais podem ter sido agravados por sua condição de vida periférica. A empregada doméstica, ao adentrar o ônibus, encontra-se com um antigo amor, pai de um de seus filhos, que paga sua passagem e com quem troca algumas palavras. O mesmo homem faz um assalto no coletivo, mas nem ela nem um outro rapaz, parecido com seu filho, têm seus pertences levados. Maria é responsabilizada pelo ocorrido e tem um fim trágico e extremamente injusto. É uma mulher que aceita a sua condição, trabalha para sustentar os filhos, mas isso não a salva de sua realidade e da crueldade social com perfis como o dela.

### **Considerações Finais**

Ao transformar em palavras suas produções, criamos o mundo. Não somente de Evaristo, mas também de uma grande parcela da população brasileira. A população negra e os descendentes desse grupo social são os mais desfavorecidos, embora tenham ajudado a construir o Brasil durante séculos. O conhecimento é transposto para um enredo em sua obra, como mencionado anteriormente.

Neste artigo, não somente as personagens do livro *Olhos d’Água* (2014) estão presentes, mas todo o coletivo de mulheres negras que choram devido às injustiças sociais e ao que a história protagonizada pelo colonizador fez delas.

O livro analisado apresenta elementos que já estão presentes na sociedade há tempos, mas que Evaristo expõe de um jeito que lhe é próprio. A trajetória da população carente e, negra, a maternidade, a luta diária no emprego, os relacionamentos, a expectativa de gravidez e a gestação aguardada. Também a morte à espreita a qualquer momento. Manter-se viva para a mulher negra ainda é uma tarefa mais difícil do que morrer, principalmente para as mulheres negras que não aceitam a condição social que lhe é imposta. Assim, as quinze narrativas de *Olhos d’Água*, distintas, se complementam e se entrelaçam ao denunciar as mazelas não só da etnia, mas da forma

como a economia e a vida da mulher negra tem sido estruturada, em raízes fincadas na história de gerações negras, em solo brasileiro.

Ainda presenciamos diversas demonstrações de discriminação racial e homofobia, misoginia, xenofobia e de tantos outros preconceitos inconcebíveis em pleno século XXI, com quase quinhentos e cinquenta anos de Brasil “descoberto”. A escrivência de Evaristo expressa a violência contra a mulher pobre e preta, que na obra vai desde a violência física às patrimoniais, psicológicas e emocionais. Nesse sentido, o livro consegue traduzir esse “lugar de fala” (Ribeiro, 2019), possibilitando-nos um olhar mais próximo sobre as experiências dos corpos subalternizados, compreendidos como lócus social que atravessa as experiências coletivizadas desses corpos que formam as personagens dos contos analisados.

Por fim, todas as mulheres apresentadas nos contos que integram essa obra denunciam a invisibilidade e a marginalização da mulher afro-brasileira que vive nas periferias das grandes cidades. Com suas contribuições literárias, Conceição Evaristo, por meio dos olhos dos leitores, possivelmente úmidos de lágrimas d’água, nos faz sentir a importância do quanto é importante discutir as exclusões, que por serem sentidas, precisam igualmente ser faladas.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A.; EDIÇÕES CÂMARA. *O Cortiço*. [s.l.] Edições Câmara, 2018.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre o Azul, 2006.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CORTÊS, C. Diálogos sobre escrivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. *Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2018.
- CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Tradução de Liane Schneider. Rev. Luiza Bairos e Claudia de Lima Costa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 6 de junho de 2024.
- DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, E. A. Faces do negro na literatura brasileira. In: ALMEIDA, Júlia; SIEGA, Paula (Org.). *Literatura e voz subalterna*. Anais, p. 271-275 Vitória: GM, 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1676-eduardo-de-assis-duarte-faces-do-negro-na-literatura-brasileira>. Acesso em: 8 de junho de 2024.

EVARISTO, C. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). *Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2009b. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>. Acesso em: 5 junho de 2024.

EVARISTO, C. *L'histoire de Poncia: La mémoire afro-brésilienne*. Éditions Anacaona, 2015.

EVARISTO, C. *A Escrivivência de Conceição Evaristo é discutida em seminário virtual*. Vídeo online (141 min.), son., color. São Paulo: Itaú Social, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/seminario-aescrevivencia-de-conceicao-evaristo/>. Último acesso: 1 de junho de 2024.

EVARISTO, C. *A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46, 2020. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

EVARISTO, C. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

HALL, S. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Apicuri, 2016.

hooks, b. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINHARES, K. *O corpo da mulher negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho*. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/623.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2024.

LORD, A. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, p. 238-240. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MIRANDA, F. R. *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432/pt-br.php>. Acesso em: 29 de junho de 2024.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2016.

PEREIRA, R. Literatura negra e literatura marginal/periférica: muito mais que uma questão de conceitos. *LITERAFRO*. Disponível em: <[www.letras.ufmg.br/literafro](http://www.letras.ufmg.br/literafro)>. Acesso em 25 de junho de 2024.

PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul./dez., 2008, p. 263-274.

- REIS, M. F. dos. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOUSA, D. R. de. A mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira: a escrita de si e a reinvenção do sujeito negro feminino. *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, v. 3, n. 1, 2015.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* UFMG, 2010.
- VERCHER, J. *A cor da pele*. 1. ed. São Paulo: Trama-Ediouro, 2021.

Re-Unir